

MEMÓRIA DAS BENZEDEIRAS DO JOVA RURAL: UM RESGATE DA RELIGIOSIDADE POPULAR

José Chapron*

Resumo:

Sempre houve um vínculo íntimo entre a religiosidade e a saúde (doença). Nas grandes cidades, apesar do avanço da medicina acadêmica, mantêm-se ainda práticas populares relacionadas à cura e muitas destas vinculadas à religiosidade. Chapron apresenta aqui uma síntese de sua pesquisa com as *benzedadeiras*, isto é, pessoas que desenvolvem práticas de cura com práticas religiosas especialmente relacionadas ao catolicismo popular e seus principais santos.

Palavras chaves: Benzedadeiras; Religiosidade: curas; Cura; Medicina popular.

Abstract:

All throughout history religiosity was deeply intermingled with health issues (illness or sickness). In modern cities, in spite of the development of the academic medicine, one finds popular healing practices quite all dealing with a religious dimension. Chapron presents here a synthesis of his research on the *benzedadeiras*, people mainly women, that heals through religious practices specially prayers. In this research catholic popular religiosity and its saints are at stake.

Key Words: *Bendezeiras*; Religious healing; Popular healing; Popular Medicine treatment.

Falar da missão das Benzedadeiras é tocar num tema pouco citado dentro do Catolicismo Oficial da Igreja. Elas sempre viveram à margem das discussões e das práticas de fé sempre propostas pela Igreja. Frequentemente estigmatizadas, desprezadas e pouco compreendidas, elas continuam dando a sua contribuição na religiosidade popular, respondendo aos anseios do povo necessitado busca ao curar suas dores. Recuperar a dimensão do benzimento das benzedadeiras é mostrar a validade de suas práticas que ajudam o povo a manter a fé, aliviando dores e trazendo esperança de viver. A frase é precisa e legitimada pela sabedoria popular quando diz que 'o padre dá a benção e nem sempre cura, mas a benzedeira Benze e cura', encerra uma prática que só pode vir de Deus.

A pesquisa da nossa dissertação que leva o título de *Memória das Benzedadeiras do Jova Rural, um Resgate da Religiosidade Popular*, situa-se na Zona Norte da grande São Paulo, no distrito de Jaçanã. Situaremos geograficamente nossa pesquisa num primeiro instante para descrever o que pensam vários autores tendo sempre presente o testemunho das pessoas entrevistadas. Num segundo momento apresentaremos a missão das benzedoras em que elas representam a força do

catolicismo popular, expressão de resistência popular que mantém viva a religião popular e suas práticas. Exercem, assim, um “sacerdócio” que intermedeia as relações entre as pessoas e a divindade, que pode ser um santo católico ou uma entidade africana, com o objetivo de alcançar a cura. Num terceiro momento entre o saber e o fazer, pretendemos apresentar as benzedoras nos seus gestos de benzer criam uma atmosfera misteriosa levando os clientes a um estado mental de transformação. Resgatar a prática das benzedoras impregnadas de gestos e de símbolos, de certa maneira refazem os gestos de Jesus: o de tocar. Tocar simboliza acolher, colocar-se na mesma situação. Tocar quer dizer resgatar. É um gesto de carinho que conduz para fora a realidade decaída, que é a enfermidade.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o benzimento como manifestação do saber e da religiosidade dos benzedores e benzedoras da zona norte de São Paulo, do Bairro Jova Rural; e quer examinar a forma como ela é usada pelos benzedores e benzedoras, que mesmo pouco compreendidos, marginalizados e desprezados, por determinados segmentos da Igreja, mantém sua fé e suas práticas religiosas.

Evidentemente que nossa pesquisa contém vários autores que conhecem profundamente a religiosidade popular. Eles nos sedimentaram e fortaleceram nossa pesquisa. Destaco entre eles os seguintes:

Um dos livros básicos, *Assim se Benze em Minas*, de Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira, os autores analisam os procedimentos pelos quais as benzeções são realizadas como fins terapêutico-religiosos sendo muito prestigiadas entre os devotos, especialmente entre os que são curados. Os autores recolhem o relato dos depoimentos anunciando as fórmulas curativas dos rituais de benzeção, enfatizando a alegria de quem alcançou o que desejava.

A antropóloga Elda Rizzo de Oliveira, no seu livro *O que é Benzeção*, nos traz impressionantes relatos de quando acompanhava atentamente os passos dos rituais de curas exercidos pelas benzedoras. Oliveira define os conceitos de benção, benzimento, benzeção como expressões da medicina popular. Observa que os diagnósticos das benzedoras eram infalíveis para o *oio-gordo*, *mau-oiado*, quebranto. Se aparecesse coceira na pele e surgissem pontos vermelhos, era cobreiro.

Orlando Espín, no seu livro *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*, elege a religião popular como centro de suas atenções acentuando que a herança religiosa latino-americana resistiu, portanto não é a expressão de uma cultura vencida e oprimida. Espín caracteriza-a como portadora de valores cristãos resistindo a uma visão distorcida tanto da cultura do colonizador como da Igreja.

Antonio Augusto Arantes no seu livro *A cultura popular*, enfatiza que os conceitos de cultura são amplos. Em relação à cultura popular resultam em grande medida de concepções paradoxais. Desfazermos de tais conceitos é essencial para

olharmos os detalhes de cada cultura, que precisam ser vistos sempre em seu contexto e numa comum inter-relação mútua.

José Luiz dos Santos abordando *O que é cultura* nos leva a questionar sobre os caminhos que os grupos humanos fazem para organizar a vida social e religiosa. A cultura se organiza nos contatos e conflitos em que são produzidos, ora pela interação mútua e ora pelas mutações que as transformam. Cada cultura vem para colocar as pessoas a indagar sobre a realidade social e religiosa, analisar as forças que a mantém, que a transforma ou adquire novos contornos com as diferentes classes e grupos que estabelecem relações.

Roberto Benedetti no seu artigo, *Afinal, o que significa cultura* analisa-a na perspectiva da dinâmica cultural como capacidade de representar ou reelaborar simbolicamente as estruturas materiais, contribuindo para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social cumprindo seu papel insubstituível no conjunto da sociedade.

E, outros que nos ajudaram a entender melhor este tipo de prática tão presente na vida do povo, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos.

Nossa intenção é olhar para o benzedor ou benzedeira como uma pessoa especial portadora de um saber espiritual, herdeira de toda uma tradição, que tem como centro a realização da pessoa humana, nesta realidade cotidiana. Na sua maioria não são portadores de um conhecimento intelectual, formal, mas de uma profunda sabedoria que funde conhecimento para proporcionar a cura física das pessoas na comunidade. Estas têm no benzedor ou benzedora um portador do saber de Deus.

O benzimento como fator de preservação das práticas da cultura popular é uma importante chave de acesso ao mundo dos pequenos, no universo religioso formado pelas mais variadas matrizes culturais. Benzedeiros e benzedeiros trouxeram para São Paulo as suas histórias e suas experiências religiosas.

Algumas questões nos acompanham durante a nossa pesquisa, a saber: Quem são esses homens e mulheres que mantêm viva as práticas da benzeção? Que saberes esta prática esconde? Qual a dimensão religiosa presente na benzeção?

Em nossa suposição preliminar, o benzimento aparece como uma realidade cultural e um fazer humano que se mantém mesmo em situações adversas, revelando a capacidade de resistir, de negociar do povo em vista da preservação de sua fé e práticas religiosas.

Estudar o benzimento no universo popular, é fazer memória da vivência religiosa do povo que tem na prática comum popular da religião seu saber, sua fonte de conhecimento, sua experiência natural e transcendental da vida, como sabedoria acumulada e transmitida de geração em geração.

A religiosidade popular é impregnada de valores, de significados, que vai se reinventando com o passar do tempo, de acordo com a realidade vivida, uma das

expressões mais comuns dessa religiosidade que é a bênção. O benzimento como fonte de saúde e restabelecimento do indivíduo no convívio social, e a casa do benzedor como lugar do saber comunitário, da esperança, da cura, do restabelecimento do bem estar, da normalidade do cotidiano da vida.

O benzimento como experiência mística de renovação e esperança do povo, na ação de Deus que intervém na realidade humana para sarar enfermidades e devolver ao ser humano a alegria e o sabor da transformação do negativo da doença, em positivo; da limitação física e do enigmático, em solução física e humana.

Com os anseios da comunidade por saúde e dignidade, a bênção vem como resposta divina de amparo e proteção aos mais simples que tem na graça de Deus seu único caminho para ter mais saúde e paz.

O benzimento como uma profunda experiência religiosa que traz a vontade divina para a realidade humana, dando sabor e fazendo com que o ser humano que está enfraquecido, debilitado pela enfermidade se recupere; e reconheça a sabedoria presente na oração e no método de evocar a ação de Deus para ajudar o ser humano que necessita de sua intervenção, para continuar vivendo um pouco mais feliz.

Pesquisar o benzimento como um caminho de sabedoria popular, tendo como fontes as orações, os ritos, os cânticos e o conhecimento das ervas medicinais, é recuperar o saber dos antepassados. Quando ainda crianças, éramos levados à casa do benzedor ou benzedora para libertar-nos de alguns males que atormentavam a nossa saúde física ou espiritual.

O saber popular presente nas narrativas orais, através do mecanismo do benzimento vem sendo transmitido de pessoa a pessoa. Renova-se com o passar do tempo ao adquirir novos conhecimentos que se fortalecem e se ampliam. A narrativa do saber popular é fragmentada, ela gera uma simbiose, que atualiza o saber popular. A bênção não institucionalizada, não é só um saber, mas também fator de resistência, fazendo sempre memória e demonstrando a diversidade deste universo.

A Cultura popular e religiosa tem despertado o interesse de inúmeros pesquisadores no continente latino americano. Busca-se compreender a natureza, as características e as funções da cultura religiosa popular. Brito, num artigo intitulado *A cultura popular e o sagrado*, ao discutir a relação entre cultura popular e o sagrado, relembra que o termo *popular* nasceu da oposição entre a Igreja do povo e o clero. Ele considera as manifestações populares religiosas na sua relação com a estrutura social, onde os sistemas mágico-religiosos da religiosidade popular falam sobre a estrutura social e as suas contradições, manifestando uma função política.¹

Assim nossa pesquisa além de estar fundamentada em vários estudiosos tem, sobretudo, nossa prática de vários anos atuando nesta área deste menino, quando perguntei à minha avó: *o que é bruxaria?* A pergunta infantil e ingênua na época nunca saiu de meu coração. Hoje procuro responder a esta questão para

desmistificar desfazendo preconceitos e barreiras ao revelar que a missão das benzedeadas tem sua validade nas práticas da religiosidade popular. A missão que elas realizam é digna de ser conhecida, amparada e divulgada.

O Jova Rural está localizado no distrito do Jaçanã, que, por sua vez pertence à região nordeste de São Paulo. A região nordeste conhecida simplesmente por Zona Norte, é uma região administrativa estabelecida pela prefeitura de São Paulo que engloba as subprefeituras da Santana-Tucuruvi, da Casa Verde, de Vila Guilherme-Vila Maria e do Jaçanã-Tremembé. Segundo o censo do IBGE de 2010, a região de Jaçanã-Tremembé tem uma população aproximadamente de 450 a 500.000 habitantes. O Jova Rural se situa na periferia da Zona Norte, entre Jaçanã fazendo divisa com Vila Nova Galvão, em Guarulhos.

O Jova Rural se constituiu a partir do resultado do assentamento de famílias que habitavam áreas de risco, através de programa habitacional do Governo do Estado de São Paulo - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) na década de 1980.

O Jova, que teve origem num assentamento de pessoas de vários lugares, criou um jeito próprio de expressar-se, gerando costumes, que foram e são transmitidos oralmente. Graças a esse processo, as tradições dos habitantes das diferentes regiões que compõem a comunidade, foram preservadas. Pode-se dizer que a cultura do lugar é popular, híbrida e fragmentada.

A cultura popular resultou de uma interação contínua entre pessoas de diversas procedências. Ela nasceu da adaptação das pessoas ao ambiente e se faz presente nas crenças, artes, moral, linguagem, ideias, hábitos, tradições, usos e costumes, artesanato e folclore da região.

A cultura diferencia e classifica um povo, dá o tom e a cor a uma dada sociedade e abrange um modo de vida. Muitas são as concepções de cultura.

Segundo Alfredo Bosi, as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* têm sua raiz no mesmo verbo latino *colo*, que significa aquele que mora, que ocupa a terra, que cultiva e cuida dos campos. Nesse sentido, relaciona-se com os primeiros habitantes foram aqueles que moravam na terra ocupando seus espaços, cultivando-a. Não são *inquilinos* para residem em terra alheia trabalhando para os outros, mas *íncola*, isto é, emigraram e se tornaram *colonus*. Estabeleceram-se num lugar, cultivaram uma propriedade rural e puseram em marcha um ciclo de *colonização*, que não só cuida, mas que manda. Neste processo, o termo *cultus* foi atribuído ao campo, local em que gerações sucessivas de lavradores plantavam, cuidavam e se debruçavam sobre o solo, incorporavam não só o trabalho, mas os frutos e as colheitas. Assim, há um labor constante de quem lavra os campos, recebe seus êxitos.² A cultura presente no bairro do Jova Rural é uma cultura de resistência, que é fruto de uma miscigenação de culturas vindas de Minas Gerais e do nordeste do Brasil, que em São Paulo resiste a imposição da cultura de massa, que também está presente na maneira de viver da periferia que assimila e reinventa a cultura para sobreviver e ser aceita na cidade.

O horizonte religioso cultural das benzedadeiras que encontramos no Bairro é marcadamente católico. Elas participam com frequência das missas celebradas na capela e não perdem os momentos de oração da Comunidade. Exercem um permanente serviço na Comunidade, contribuindo com o bem estar das pessoas. São solicitadas para auxiliar na cura dos mais diversos males, males físicos e até espirituais. Pode-se dizer que são como *figuras sacerdotais*, que fomentam no meio do povo sentimentos e atitudes, capazes de proporcionar transformações individuais e sociais. Léo Carrer Nogueira define as benzedadeiras como tendo uma

tarefa um tanto quanto delicada uma vez que são guardiãs de um patrimônio riquíssimo de nossa cultura. A pessoa que benze é aquela que representa a medicina popular, é aquela que detém orações em favor do bem do corpo e da alma, é pessoa amiga, conselheira e acima de tudo: a benzedeira é mãe/pai avó/avô, esposa/esposo, médica(o).³

Com suas práticas levam as pessoas a resgatarem sua força interior visando uma recuperação física. Entre as práticas a mais comum é a do benzimento. Para benzer utilizam inúmeras substâncias materiais, acompanhadas sempre de orações, específicas para cada situação. As orações mais utilizadas demonstram uma forte influencia da matriz católica apostólica romana como: Pai Nosso, Ave Maria, Credo e orações que invocam os santos católicos.

Na sua maioria, as pessoas que benzem são: do sexo feminino e, em geral, idosas, de baixa renda, negras ou mestiças, com pouca escolaridade, casadas, com muitos filhos, empregadas domésticas aposentadas. São pessoas religiosas, ligadas às tradições indígenas e africanas. Segundo Oliveira, a benzedeira *é uma cientista popular e possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular*.⁴ Por possuírem um saber natural, talvez fruto do próprio Dom que exercem, destacam-se na comunidade como lideranças e referência religiosa, demonstrando grande capacidade de aconselhamento do povo. Como mães e avós, exercem uma forma de *sacerdócio* materno orientando inúmeras famílias a encontrarem melhores caminhos para conduzirem as suas vidas.

Apesar da mínima escolaridade, demonstram uma sabedoria comprovada pelo ofício que exercem em prol do bem estar das pessoas e na orientação de famílias. A atividade das benzedadeiras trouxe para São Paulo uma prática que era amplamente utilizada no Nordeste e nas Minas Gerais. Na cidade de São Paulo esta prática confronta-se com a medicina oficial, que conta com o auxílio técnico de alto nível. No entanto, os benzimentos, ainda, resistem como forma alternativa ao proporcionar cura e alívio para várias doenças, contrariando muitas vezes as expectativas da comunidade médica.

Para surpresa nossa, quando começamos a pesquisa no Jova Rural, encontramos várias benzedadeiras(os) atuantes, gozando de muito prestígio junto dos membros da comunidade. Deste grupo, escolhemos para entrevistar:

Dona Petrolina de Silva, 86 anos, nascida em Minas Gerais na cidade de Formiga, a cinquenta anos morando em São Paulo. Na Zona Norte, trabalhou em casa de família como doméstica e nos fins de semana como lavadeira, hoje aposentada olha as crianças, os netos. É mãe de nove filhos. Ela é católica.

Seu Valdemar Lopes, 80 anos, nascido em Governador Valadares, Minas Gerais, religião católica, praticante, viúvo, seis filhos e metalúrgico de profissão.

Dona Lucila Nunes da Silva, 76 anos, natural do Ceará, Juazeiro do Norte, mãe de seis filhos, migrou para São Paulo. Professora a fé católica.

Maria Vitória, viúva, 83 anos, de Bom Conselho, Pernambuco. De profissão doméstica, veio para São Paulo fugindo da seca, buscando condições melhores de vida para os cinco filhos.⁵

Dona Josefa dos Santos, 80 anos, é natural de Alagoas, Rio Largo. Migrou para São Paulo em busca de uma vida melhor, mais humana. Veio com os filhos e o marido buscado uma vida nova para todos.

No universo das benzedeadas a presença dos Santos Católicos é marcante, cada uma tem seu santo protetor, que ajuda na realização das curas através das rezas e ritos intercedendo pelos pacientes, necessitados da ajuda divina. Os santos são a ligação das benzedeadas com o sentido cristão da presença de Deus, na realidade comum dos fiéis.

O santo é um dos elementos fundamentais desse catolicismo. Tudo parece girar ao redor dele. É objeto de devoção pessoal do pequeno núcleo familiar (oratório), dos pequenos povoados (capelas), ou das grandes massas (santuários). A vida de cada pessoa tem seu centro e seu referencial nessa devoção.⁶

As benzedeadas mantêm assim, um forte vínculo com o catolicismo popular, sendo expressão de fé na vida do povo.

Popular é o que não é oficial nem pertence às elites que detêm a gestão do católico. Catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem diferente, exatamente daqueles populares. Por isso, ele não deve necessariamente encarado como desvio em relação ao catolicismo oficial. Constitui um diferente sistema de tradução do cristianismo dentro de condições concretas da vida humana.⁷

A devoção popular tem um apreço especial aos mais variados títulos de Nossa Senhora, Aparecida, das Candeias, Nossa Senhora, a mãe de Jesus, que é invocada ainda, sob as Dores de Fátima, do Perpétuo Socorro. Os santos exercem um papel importante nas práticas de cura, são intercessores junto de Deus e da mãe de Deus. Como essa prática de benzimento esta ligada a cultura do povo como fator de memória e resistência, seus rituais, as devoções populares, seu

mundo simbólico, e esse universo religioso popular como expressão de fé

O catolicismo popular é uma mistura de culturas e práticas religiosas que tem raiz no universo sincrético dos povos dominados, e dos colonizadores.⁸

O catolicismo tradicional popular, que tem como característica, ser leigo e familiar, devocional, social, se visibilizava nas manifestações religiosas, especialmente nas festas e no culto aos santos protetores. Catolicismo que o colonizador trouxe e que se fundiu com as tradições indígenas e africanas, gerando um significativo processo de miscigenação. O povo mais simples assimilou facilmente esse jeito de praticar a religião, como uma re-elaboração, onde o comum e acessível tornou-se original.

Esse catolicismo na visão de Palleari,

Teve presença significativa na zona rural, em terras camponesas. Naquela época, havia poucas cidades e com pequena população. Não tinha ligação com o poder político, nem se beneficiava de auxílios econômicos. Além de portugueses pobres, alguns pequenos proprietários, índios destribalizados, ex-escravos e, sobretudo, mestiços praticavam esse catolicismo.⁹

Devido a várias circunstâncias históricas e culturais esse catolicismo ganhou força e penetrou fundo na alma popular.¹⁰ O processo de romanização procurou cercear o quanto pode as manifestações da religiosidade popular, tentando impor um catolicismo mais racional, com forte vivência sacramental. O catolicismo popular é uma mistura de culturas e práticas religiosas que tem raiz no universo sincrético dos povos dominados, e dos colonizadores.¹¹

Diante de todo esse processo, as benzedoras representam a força do catolicismo popular, expressão de resistência popular que mantém viva a religião popular e suas práticas.

As benzedoras exercem, assim, um *sacerdócio* que intermedeia as relações entre as pessoas e a divindade, que pode ser um santo católico ou uma entidade africana, com o objetivo de alcançar a cura.

Diversas pesquisas indicam que a presença das mulheres no exercício do benzimento é maior que dos homens. Elas são conhecedoras do mistério e das palavras que são capazes de curar. A presença da mulher é marcante no mundo da religiosidade e é ela, numa maioria quase que absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal.

A religiosidade popular tem sua expressão máxima de fé na vida e manifestação do mistério de Deus presente nas culturas e costumes do povo, que celebra a grandeza do divino com suas danças, rezas e devoções, re-elaborando as verdades da fé, trazendo para dentro da esfera da realidade da vida. A tradição vai se formando quando a essência, o valor e a interpretação têm sua raiz na experiência concreta do Evangelho vivido em comunidade

A seguir, procuraremos situar o saber e o fazer na bênção como expressão de harmonia para o corpo, que comunica a ação do divino que se faz presente na natureza humana, restaurando a saúde. O gesto é comunicação de algo, por isso, ele se realiza numa ritualidade.

Nada do que se passa no corpo humano está imune do seu sentir. O próprio corpo humano fala no seu modo de estar, de ser, de sentir. Há sinais e gestos que são comunicados com códigos conhecidos entre as pessoas, como abraçar, estender a mão, cumprimentar-se. Os sinais do rosto revelam a tristeza e a alegria, ou se mantém um rosto que transparece o sorriso ou um semblante fechado.

A benzedeira presente, sente o que se passa na pessoa que tem diante de si. Na comunicação, o corpo diz, respeito à totalidade do ser humano, isto é, à subjetividade humana e suas atitudes. Através da comunicação se realizam múltiplos gestos que expressam a riqueza da interioridade e ainda atitudes profundas do ser humano. É o exemplo de Antônia de Castro que optou por benzer apenas crianças, principalmente para tirar-lhes o medo.¹² A prática sincera dos gestos das benzedeadas ajuda a expressar a atitude religiosa de cada pessoa com Deus. Isto se torna muito visível e evidente na pessoa das benzedeadas, que tem o senso de sua interioridade e intuição própria para captar as necessidades das pessoas que as procuram.

As benzedeadas ao fazerem gestos para benzer criam uma atmosfera misteriosa levando os clientes a um estado mental de transformação. O gesto comunica toda uma realidade espiritual colocando o cliente em contato com a divindade. Um dos gestos significativos para as benzedeadas é feito com o sinal da cruz, que é um símbolo muito forte e frequentemente invocado nas práticas do benzimento, como expressa o canto popular:

Cordeiro Imaculado por todos morreu Jesus.
Pagando as nossas culpas é Rei pela sua Cruz!
É arma em qualquer perigo, é raio de eterna luz.
Bandeira vitoriosa, o Santo sinal de Cruz! (Canto Popular)

Essa sabedoria presente na vida dessas pessoas tem a missão de manter o benzimento vivo no meio popular através da linguagem do corpo, das palavras, gerando uma prática terapêutica libertadora de resgate e anúncio do Reino instaurado por Jesus.

No programa de restauração trazido por Jesus, é essencial o gesto de tocar. Tocar simboliza acolher, colocar-se na mesma situação. É um gesto de carinho que conduz para fora a realidade decaída, que é a enfermidade. Tocar quer dizer

resgatar, trazer para si o ser que estava perdido. Devolvendo a faculdade de ouvir, Jesus o faz recuperar a capacidade de comunicar-se que estava perdida, dando-lhe da sua própria essência, a saliva.

O ministério da cura exercido por Jesus devolve ao ser humano a capacidade de restauração do sentido do corpo, que muitas vezes a natureza fez deficiente. Curar, na prática de Jesus é restaurar a natureza humana à semelhança do seu criador. Murmurando palavras convencionais que ganham um sentido novo, Jesus une a criatura ao Criador. São essas palavras comuns que pronunciadas no ritual de uma maneira secreta provocam a graça restauradora de Deus

No ministério de Jesus, a cura física aparece como a manifestação da presença do Reino no meio do povo. Jesus muitas vezes, levado pela compaixão, assumindo a dor e o sofrimento dos enfermos manifestava a bondade divina curando o doente.

Conclusão.

Nesta perspectiva, estudar o benzimento, como memória dos benzedores e benzedoras é resgatar e registrar a tradição do povo que ao recorrer ao benzimento, uma das mais expressivas formas de sabedoria e religiosidade popular continua preservando suas práticas religiosas.

A Igreja oficial ao pensar num projeto de evangelização da população que vivem nas periferias das grandes cidades e nas áreas mais distantes dos grandes centros urbanos, deve levar em conta esses saberes e práticas populares tão presentes na vida do povo. Uma nova evangelização só será possível quando inculturada nestas práticas religiosas populares. A Missão só tem sentido quando vem somar com a experiência de resistência e libertação presente no jeito do povo de anunciar e concretizar o Reino de Deus nas várias expressões culturais vividas nas comunidades.

*Vigário da Paróquia Nossa Senhora da Livração, São Paulo.

Cf. E. J. DA COSTA BRITO, *A cultura popular e o sagrado: Interface do Sagrado em vésperas do terceiro milênio*. São Paulo: Olho d'Água, 1996, pp. 102-111; O. ESPÍN, *A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. São Paulo: Paulinas, 2002; N. O. de MAGALHÃES - E. de ALMEIDA PEREIRA, *Assim se Benze em Minas*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1989; R. BENEDETTI, *Afinal, o que significa cultura?* VIDA PASTORAL, 158(1991) pp. 2-6; J. L. dos SANTOS, *O que é cultura?* São Paulo: Brasiliense, 1994.

² Cf. A. BOSI, *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.12.

³ Cf. L. C. NOGUEIRA, *O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas - o caso do Município de Mara Rosa*. REVISTA DE GEOGRAFIA DA UEG, 2012, 1(2), p. 180.

⁴ Cf. E. R. OLIVEIRA, *O que é benzeção?* São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 15.

⁵ Marco Antonio Villa apresenta uma profusão de dados surpreendentes, dados que escondem dramas humanos pungentes. Dramas que se repetem ao longo das décadas de secas e de seu uso. Para uma compreensão do drama da seca, ver M. A. VILLA, *Vida e morte no sertão: História das*

secas no nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

⁶ Cf. G. PALLEARI, *Religiões do Povo: um estudo sobre a inculturação*. São Paulo: Ave-Maria, 1990, p. 68.

⁷ Cf. L. BOFF, *A Cruz Nossa de Cada Dia*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 65.

⁸ Cf. S. FERRETTI, Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. In CALOSO. C - J. BACELAR (Eds.). *Faces da tradição afro-brasileira: Religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, pp. 113-130.

⁹ Cf. G. PALLEARI, *Religiões do Povo*, op.cit., p. 67.

¹⁰ Cf. E. V. ELI, Religião Popular como esteio de identidade. *CONCILIUM*, 206 (1986), pp. 40-47.

¹¹ Cf. S. FERRETTI, Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural , op. cit., pp. 113-130.

¹² Cf. P. GORZONI, *Benedores que curam com as mãos*. Goiânia: Kelps, 2009, p. 32.